

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com Maria Inês Cutlac

Centro de Memória da Etec Professor Alcídio de Souza Prado

Orlândia

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Teresa Garbin Machado, professora da Etec Professor Alcídio de Souza Prado, de Orlandia, pertencente ao Centro Paula Souza – SP.

Nome da entrevistada: Maria Inês Cutlac

Local da entrevista: Centro de Memória da Etec Professor Alcídio de Souza Prado, Orlandia.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Maria Teresa Garbin Machado conhece a entrevistada Maria Inês Cutlac de longa data, como colega de trabalho na Etec Alcídio. A trajetória comum foi entrelaçada por momentos de maior convivência, quando a entrevistadora atuou como Coordenadora de área do Núcleo Comum da escola, tendo o prazer de participar da equipe gestora da professora Maria Inês, que na época atuou como diretora. A entrevistada, além de atuar como Coordenadora de área e diretoria, participou da trajetória da escola em momentos importantes, como a passagem da Secretaria da Educação para a de Ciência e Tecnologia, e da incorporação da escola pelo Centro Paula Souza. Além disso, a entrevistada atendeu ao principal critério para a elaboração dos convites das entrevistas, que foi o tempo maior de serviço, e, portanto, com uma das trajetórias mais antigas na Etec.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Teresa Garbin Machado.

Local da entrevista: Centro de Memória da Etec Professor Alcídio de Souza Prado.

Data: 25 de outubro de 2018.

Técnico de gravação: Luciana Pazeto Paris Maciel, Assistente Técnico Administrativo (ATA) da Etec Alcídio.

Duração: 44 minutos e 44 segundos.

Número de vídeos: três

Transcritor: Maria Teresa Garbin Machado

Número de páginas: 17

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi realizada em 25 de outubro de 2018, para ser integrada ao projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente” (projeto Cetec 8.4.02.02/2018), afim de começar a colher subsídios para a comemoração do cinquentenário do Centro Paula Souza, em 2019. Para esse projeto propôs-se envolver docentes que atuam no GEPEMHEP com projetos de HAE, empregando a história oral como metodologia de pesquisa, e participando de duas capacitações – os Clubes de Memórias XXIX e XXX, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre agosto e dezembro de 2018. Em atendimento à proposta, a entrevistadora buscou organizar um grupo de entrevistados que vivenciaram ou vivenciam a construção da linha histórica da Escola. Sendo assim, foi realizado o convite para a professora Maria Inês Cutlac, cujas contribuições foram estendidas por vários momentos da trajetória histórica, entre funções docentes e administrativas, da Etec Professor Alcídio de Souza Prado, de Orlandia.



Diretora Maria Inês Cutlac, com o ex-diretor Luiz Fregonesi Filho, nas comemorações dos 50 anos da Etec Alcídio, em 1999.

Acervo do Centro de Memória, 2018.



Diretora Maria Inês Cutlac, com o ex-diretor Lázaro de Oliveira, nas comemorações dos 50 anos da Etec Alcídio, em 1999.
Acervo do Centro de Memória, 2018.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 12 de janeiro de 2019.

Nome da transcritora: Maria Teresa Garbin Machado.

Data da revisão da transcrição (colaboradora): 14 de janeiro de 2019.

Nome da revisora da transcrição (colaboradora): Maria Inês Cutlac.

VÍDEO 1 (22 minutos e 42 segundos)

MTGM: Boa tarde, nós estamos aqui no Centro de Memória da escola Alcídio de Souza Prado, de Orlândia, juntamente comigo a professora Maria Inês Cutlac, que eu tenho o prazer de receber e desde já agradecer a sua presença, e servindo como suporte nossa querida Luciana Pazeto Paris Maciel que é nossa eterna auxiliar. Hoje é dia 25 de outubro de 2018, estamos mais ou menos as 15:20 da tarde. Vamos começar então nossa entrevista com a professora Maria Inês a qual carinhosamente nós chamamos de Mara. Mara quero que se sinta à vontade, e você vai dizer o que achar mais interessante na sua trajetória, que é uma trajetória rica de experiências e de contribuições para a escola. Você é professora, já foi diretora, já exerceu diversos papéis aqui e continua também na labuta até hoje.

MIC: Sim

MTGM: Então, juntamente com as experiências existe também o carinho e a dedicação que a gente percebe na sua prática.

MIC: Obrigada. Boa tarde a vocês e eu começo dizendo que eu vim para essa escola em julho de 1980 e essa escola de nome professor Alcídio, mas que denominações antes do Professor Alcídio foram mudando, então era escola técnica, depois EPG, EPSG, e a gente foi se adaptando a essas mudanças. O nosso diretor anterior sempre dizia que mudava o nome, mas não mudava nada nessa escola. E junto com ele que também tinha um grande idealismo, era o professor Adonae. Um grande idealismo que sempre defendeu essa escola, chegou nos anos de 92, 93 as escolas técnicas e agrícolas iam ser e foram sendo transferidas para a secretaria da educação e nós ficamos sabendo que escolas agrícolas que foram ficando sem verba começaram a sacrificar os seus animais, as suas matrizes, porque não tinha ração, os maquinários não tinham combustível, então foi acontecendo um verdadeiro desmanche, e antes que acontecesse radicalmente, nós começamos a formar um grupinho, aliás, quem formou o grupinho foi o Adonae, o diretor de Ribeirão e eles me incorporaram para que eu fosse relatora, para que eu escrevesse os ofícios junto ao governador, junto ao secretário da ciência e tecnologia, que era o professor Roberto Miler na época e o governador era o Fleury. Então nós começamos a fazer a defesa pedindo que nos dessem uma secretaria especial, que nós não tínhamos uma representação dentro da secretaria da educação, que eles têm um direcionamento diferente das escolas técnicas, ou na época tinha, hoje não sei. Então nós começamos nessa luta pedindo uma secretaria, e de uma para a outra aconteceu por Decreto. O secretário Miler intermediou com o governador e as escolas agrícolas e técnicas passaram para o Centro Paula Souza que a gente nem conhecia direito. As duas pessoas primeiras que foram lá para conhecer o que era o Centro Paula Souza, a Teresa e eu.

MTGM: E eu, realmente.

MIC: Não é?

MTGM: Sim, eu me lembro

MIC: Porque falaram assim aqui na escola: olha vai haver uma reunião, uma palestra, sei lá o que era, lá no centro Paula Souza e seria bom que fossem professores. E aí nós fomos. Pra ver o que era, chegamos lá perdidas, não é? Não tinha uma recepção, nós chegamos como se a gente já fizesse parte pra eles que iam dar palestra e até era o professor de português, o Ricci, que nos levou para uma sala com mais gente, era um barulhão, que era na rua de movimento que vinha o barulho e, bom, nós fomos lá sentir o que era o centro Paula Souza. E não deu pra sentir muita coisa não que era diferente, e voltamos. E, bom, aí já tinha essa direção, o Centro Paula Souza, e nós que tínhamos os nossos cargos que foram levados para a secretaria da educação, só nos tornaríamos da Etec por um concurso e esse concurso aconteceu em 94, em dezembro. Nós fomos prestar essa prova em campinas, e não foi uma prova tão fácil, então o pessoal daqui locou ônibus e nós fomos participar dessa avaliação em Campinas, bom, aí nós fomos aprovados e ingressamos no Centro Paula Souza e nosso salário mudou muito, era o dobro, o pessoal da cidade, os outros professores nos olhavam com uma certa inveja, porque o salário subiu que era uma maravilha. Então o Centro Paula Souza para nós foi um oásis. E nós fomos aprendendo muita coisa. Então eu estive professora Centro Paula Souza em 95. Em 96 eu prestei concurso e acabei sendo a diretora da escola, e como diretora eu tive muitos desafios e eu cresci com eles junto com a minha equipe, com os nossos professores. Então como diretora eu organizei toda terça feira à tarde, reuniões, então nós estudávamos posturas novas, educativas, nós estudávamos documentos, e a gente cresceu tanto é que o Centro Paula Souza tinha um plano piloto de avaliação, chamado Projeto Tuiuiu, e nós entramos. Nos convidaram e nós aceitamos e com esse nosso estudo semanal e a nossa prática, a nossa junção, e nós falávamos. Cada um falava aquilo

que incomodava, aquilo que queria, porque isso faz o grupo crescer. Nós conseguimos porque na época tinha um ranking essa avaliação de qualidade. O Tuiuiu foi o projeto piloto para depois chegar o SAI, e nós tivemos a melhor avaliação no estado de SP, porque nós nos desenvolvemos pedagogicamente, e a equipe comemorou. Quando há o fracasso é de todo mundo, mas também quando há um acerto, é de todo mundo. Então isso foi altamente motivador. Da escola técnica, e a gente sempre vestiu a camisa. A escola sempre nós convocamos a equipe inteira, que a escola sempre foi maior do que qualquer um de nós. A escola acima dos meus interesses e os professores também dizendo isso, e cada um vinha aqui fora de hora se chamasse pra reunião, pra fazer um documento, que o centro Paula Souza começasse a solicitar muita coisa da gente com prazo, e nós atendíamos, né Teresa?

MTGM: É verdade.

MIC: Nós fomos atendendo, e participávamos de treinamentos em São Paulo, participávamos de exposições, fomos participando de projetos, e aí nós pedimos para ter um curso de jovens e adultos. Na época ainda chamávamos de supletivo, porque a nova LDB ainda não havia nascido, só tinha o alinhavo dela, então nós montamos esse projeto de ensino médio. O Centro Paula Souza tinha um. Que era dos funcionários deles, então nós também pusemos o que nós queríamos e fizemos, com sucesso. Tanto é que a Teresa pegou um estudo aqui, fez um projeto de um diário.

MTGM: É inclusive os cadernos estão aqui. Estão. Aqueles dois ali, por acaso eu recolhi estavam na biblioteca, e eu trouxe pra cá. Os alunos também adoram folhear.

MIC: Então esses diários corriam na sala de aula todo dia, desse curso de jovens e adultos e eles escreviam lá as emoções, as experiências, e gostavam. E depois a Teresa fez um estudo sobre isso, né?

MTGM: É, é que nós percebemos...

MIC: De uma prática pedagógica.

MTGM: O que nós percebemos na época é que esse curso do supletivo foi uma situação inédita para nós professores. Foi um desafio pedagógico muito grande. Porque a prioridade na matrícula era a idade, quanto mais velha fosse a pessoa, maior prioridade ela teria na matrícula, então nós tivemos inclusive muitos alunos com mais de 60 anos. Quando eles chegaram na escola, a Mara já era diretora. A Mara falava assim: esse pessoal além de querer recuperar o tempo na escrita, quer recuperar o tempo de vida inteirinho. Então eles queriam fazer tudo não é Mara?

MIC: Tudo, tudo...

MTGM: Eles participavam de gincana, queriam fazer festas, encontros. Era uma turma muito divertida, mas travados na escrita e na leitura, porque eram pessoas que, há quantos anos eles não liam nada? Trabalhava o dia todo chegavam a noite aqui, tinha que enfrentar o supletivo. Então nós fizemos uma reunião, nós paramos de trabalhar e falamos, nós precisamos ter um norte. E a gente então pensou em motivá-los a título de que eles escrevessem mais, lessem mais, então surgiu esse projeto que era um caderno, era um diário da classe. Então cada dia um aluno levava pra casa e relatava o que acontecia na aula na noite anterior.

MIC: Leia só 3 linhas, de um registro.

MTGM: Tem umas coisas lindas, muito lindas aqui, e os alunos quando vem aqui no centro de memória eles gostam mesmo eles adoram aqui. Olha só: “amigos, quando estou triste vocês trazem de volta meu sorriso, quando estou alegre vocês participa da minha alegria, as amizades são sempre uma grande força em todos os momentos de nossa vida”. Eles relatam também as professoras, as aulas que eles tiveram naquele dia. Tem um dia que eles foram ao cinema, não é? Assistiram um filme, então eles contaram sobre o filme também, sobre um desfile que eles assistiram, e é muito interessante, porque cada um relatava, e eles deixam as lembranças dele, deixam os... Ah é uma coisa assim, muito pessoal.

MIC: E isso significou a importância que a escola passou a ter na vida desses adultos.

MTGM: Desses adultos.

MIC: Muitos aproveitaram até mais que depois ingressaram nos cursos técnicos, então eles vieram ali calçando a falta de escolaridade, vamos dizer assim, não é? E depois tiveram empregabilidade que foi o caso da Ivete, do Ocimar, não é?

MTGM: É

MIC: Estes nomes que a gente lembra assim, mas foi muito bom, muito saudável, para todos. E aí socialmente, também alguns arrumaram namorado, marido. E aquelas coisas.

com a colega de classe, teve de tudo também nessas salas. E os filhos depois já passaram por aqui também no ensino médio.

MIC: Então são histórias e mais histórias. O que a gente também tem a relatar, foi a nossa experiência no Centro Paula Souza, então nós já tínhamos tempo de magistério e já tínhamos experiências. Mais interessante: nós fomos aprender a dar aula com “a” maiúsculo, com a professora Sheila, que fez um curso chamado, como chama mesmo?

MTGM: Microensino.

MIC: Microensino, muito bom. Então nós aprendemos que a aula tinha que ter introdução. E que introdução não é você chegar e dar uma definição. Então é você tornar algo interessante, agradável, vindo com uma informação, uma notícia, um acontecimento do dia e que nós tínhamos 5 minutos para ganhar a aula de 50 minutos ou perder os 50 minutos, numa coisa chata. E então nós fomos aprendendo os passos, porque isso foi interessante? Que dentro já do Centro Paula Souza nós já estávamos alinhados aqui no Centro Paula Souza e pelo regimento nós mudaríamos de letra de faixa, era uma evolução funcional ou na época falavam mudança de letra, e que melhorava o salário, as nossas aulas mudavam de degrau. Só que para isso acontecer, cada um tinha que dar uma aula.

MTGM: Aula teste.

MIC: Uma aula teste, e não era na nossa cidade, então eu me lembro que eu fui uma vez, eu fui pra São Paulo, na outra vez eu fui para Sorocaba, e cada colega nossa ia para Santo André, ia para cidades diferentes, e nós sorteávamos 3 temas. De 3 temas, um tema para apresentar a aula. Então nós tínhamos que levar todo aquele material.

Nós íamos uma primeira vez diante da banca para levar o nosso currículo, fazer apresentação e pegar as aulas que eles nos passavam, os nomes.

MTGM: Os temas.

MIC: É, os temas. E depois na semana seguinte, nós já chegávamos com os temas preparados para dar a nossa aula. Então isso aí era uma novidade, e nós nos empenhávamos. O interessante é que dentro da escola a equipe era mais unida ainda. Um ajudava o outro até com ideias sobre a aula. Sobre a introdução, então era o pessoal da enfermagem, conversando com o pessoal da informática, do núcleo comum, era um crescimento de todos, que estavam ali envolvidos. E isso era motivador, então a gente ficava esperando, o que o Centro Paula Souza vai inventar agora? E nós fomos, nos colocando: olha, saí de Orlândia, a gente saía 3h da manhã para ir para São Paulo pegar uma reunião que começava as 9h. Isso aí era um verdadeiro trabalho de bandeirantes, que foram desbravando os sertões, porque o máximo a gente pensava em ir até Ribeirão, mas não levantar de madrugada para pegar uma reunião em São Paulo, voltar no mesmo dia, 7h da manhã do dia seguinte e estar aqui dando aula. Não é porque íamos que nós deixaríamos de cumprir a nossa obrigação aqui. E eu me lembro que eu fui convidada para ir numa palestra: Começou a Globalização, do Centro. E eu fui convidada, ia ter uma pessoa de grande nobreza, e que ia fazer a palestra da Globalização. E eu fui, seria na parte da tarde em São Paulo.

MTGM: Como professora ou como diretora?

MIC: Eu, professora. Professora. E a palestra acho que durou 20 minutos ou meia hora, então eu fiz uma viagem e não é o tempo que diz, foi a importância dessa reunião. Eu me lembro que o palestrante colocou assim: que o primeiro toque de globalização foi os Lusíadas, a viagem dos portugueses, que vieram desbravando ali, que vieram nas costas africanas, enfrentando os perigos lá porque eram caravelas, para irem as Índias, buscarem os produtos, as iguarias, os tapetes, e na volta passaram por tudo aquilo de novo, e comercializar. Então isso daí já era um começo de globalização. Foi muito interessante esse enfoque e eu não esqueci disso daí. Então o Centro Paula Souza, a gente sempre ficava esperando. O que ele vai nos acenar agora? O que ele vai acenar depois? Só que agora o negócio está meio calmo né? Tem todos aí os cursos de capacitação, mas se sai tem que deixar todas as aulas preparadas, do dia, e é muito cansativo, mas ainda tem, ainda a gente encara, só que agora a gente também tem a possibilidade dos cursos a distância. Naquela época não havia. Então eu achei muito interessante, essa maneira de mudar de letras, da gente sair da área de conforto, de nós termos aprendido, o que fazia da nossa aula uma boa aula, por isso que eu falei que nós fomos aprender aquilo que era uma boa aula.

VÍDEO 2 (6 minutos e 50 segundos)

Era aquela que tinha aqueles vários passos e que nós assimilamos isso bastante e nós fomos crescendo, depois eu me tornei diretora e eu nunca pensei em ser diretora da escola, mas o diretor Adonae que já era diretor e que lutou para pôr a escola dentro do Centro Paula Souza, ele não pode... ele passou no concurso e não pode acumular cargo, porque ele já era diretor aposentado. Depois o Centro Paula Souza mudou o procedimento e isso não ficou mais um empecilho, mas na época ele não pôde ser diretor e como eu havia passado no concurso eu enfrentei o processo que era prova, que eu já tinha passado, era entrevista que a gente ia até o Centro Paula Souza para

fazer e o processo eleitoral que era uma novidade para nós, para formar uma lista tríplice, uma coisa assim bastante estranha, era a gente fazer uma campanha eleitoral sendo professor e que eu nunca pensei em ser vereadora, deputada nem nada. Nunca pensei em fazer parte da vida política, a política partidária, se bem que todo processo que não é neutro é um processo político, não é?

MTGM: Sim.

MIC: E educação não tem neutralidade, então, se for ver na vida nada é neutro, sempre vai a pretensão de alguém, o seu pensamento, aquilo que você interfere, aquilo que você influencia e é influenciado. Me tornei diretora da escola, e aí nos tivemos que fazer eventos, e a escola tinha que crescer, nós fazíamos a divulgação dos vestibulinhos, sem ter dinheiro, então eu dizia que era o Marketing Caipira. A gente pedia para falar na rádio, sem pagar porque não tinha dinheiro, a rádio mandava o microfone itinerante vir aqui de carro, alguém entrevistar com um gravadorzinho, depois colocava uma chamada. Nós saíamos nos jornais da cidade e todo mundo sabia o que estava acontecendo na escola. Mês a mês semana a semana nós tínhamos as festas e eu aprendi com o diretor anterior muita coisa. Fiz a minha parte. Aí veio a Teresa, a Teresa veio com o conhecimento dela, maior, e ela tocou o projeto, ela foi pondo a escola também em outras esferas, ela foi não só acrescentando, ela foi incorporando coisas novas, conhecimentos novos, a Teresa foi transformadora do Alcídio, e voltando naquela fala, que a gente sempre colocou a escola como algo maior, então, transformar a escola é um sonho de todos. Porque esta escola, desde 48, que a gente tem pelos históricos, não é do nosso tempo, mas é da história, ela sempre melhorou pessoas. Ela começou pegando alunos da escola rural, que eram chamados, pela lei, os desvalidos da sorte. Aquelas pessoas que nunca pensaram em estudar, em ter uma capacitação, se colocar profissionalmente na vida, além do que tinham na vida rural, então quando um vinha da parte rural e melhorava, ele melhorava toda família e a gente teve notícia de que muitos desses alunos foram trabalhar em São Paulo e se deram bem na vida, e isso graças a escola. Penso que até hoje essa escola melhora a vida de muita gente. Né, daqueles que querem vencer. Então este é o trabalho, continuo aqui, depois que eu terminei a minha gestão a gente podia ter uma gestão e a segunda, mas eu estive bem na época da mudança do regimento e eu não pude ser reconduzida, terminou ali, e eu fiquei no meu cargo como professora, mas eu sempre me coloquei muito bem na sala de aula, acho que ali é o meu lugar, é onde sou feliz e vejo a nossa profissão como algo muito nobre, porque nós cuidamos de gente, nós cuidamos de alma, nós cuidamos de gente com diferentes comportamentos, problemáticos, sem que a gente tenha uma formação de psicologia avançada, a gente entra com aquilo que consegue sentir, com aquilo que consegue ajudar, a gente entra com amor, paciência, conversa, mas isso é muito nobre, porque a gente consegue atender ao ser humano, Hoje o ser humano anda muito em desarmonia, nós estamos em uma época de muita depressão de muito mal de pânico, de muitas doenças novas e a escola se coloca como um ambiente terapêutico, porque ela ocupa as pessoas, é um lugar de muitas risadas, de alegria.

VÍDEO 3 (15 minutos e 22 segundos)

MTGM: A sua fala é uma fala muito bonita, muito expressiva, representa realmente o amor que você tem pela sua profissão e pela escola, e nós também trilhamos juntas muitos momentos. Todo esse caminho que você falou, a gente também sempre compartilhou. Agora tenho umas dúvidas com relação à aquela época do Adonae. Quando você comentou que escolas agrícolas estavam bastante dificuldade, foi na época da DISAETE da chamada DISAETE que se falava?

MIC: É a DISAETE estava atuando e a DISAETE desapareceu.

MTGM: Desapareceu

MIC: Desapareceu e a gente não sabe, porque quem tinha essa integração com DISAETE era o Adonae. Eu me lembro que ele me convidou um dia para ir numa reunião, com muitas pessoas em São Paulo, tinha um rapaz jovem e que, eu não sei o que ele era, se ele era presidente, não sei o lugar que ele ocupava nessa DISAETE, ele falava muito bem. Esqueci agora o nome dele. De repente sumiu tudo isso. Então eu também não saberia dizer, mas que as escolas ficaram à deriva, a DISAETE já não existia.

MTGM: Não existia, porque nós fomos incorporados pela secretaria da educação e não tinha o lugar delas lá.

MIC: Não

MTGM: Não tinha. Nenhuma identidade com o perfil das escolas da secretaria da educação.

MIC: Quem iria chamar os diretores da escola pra fazer uma reunião, para falar o que podia fazer para mudar, para melhorar, para capacitar. Não tinha. Dentro da secretaria da educação que a gente sabe na época chamava Delegacia de Ensino e supervisores. Supervisor vinha na escola para dar mais um suporte nem pedagógico, porque eu nunca me lembro de ter vindo um supervisor na escola ensinar o que que faz uma boa aula, fazer o microensino ou fazer um estudo de documentos. Tinham mesmo reuniões e o supervisor vinha quando um aluno entrava com recurso porque tinha ficado numa matéria. Infelizmente é isso que eu tinha de noção de um supervisor, agora, o supervisor não entendia nada de uma escola agrícola. De plantar, entende de como dar uma aula, mas de como plantar, de fazer uma agricultura de alternância, como a gente depois ficou vendo, de fazer uma piscicultura, de fazer uma cooperativa, porque é uma região que plantava muito maracujá e fizeram cooperativas, então o Centro Paula Souza desenvolveu muitas experiências que deram muito certo.

MTGM: Inclusive também se a gente for pensar para a própria instituição também foi um grande desafio, porque na época também era só as chamadas 14 e de repente foram 91 ou 92 escolas que foram incorporadas, no estado inteiro, com perfis completamente diferentes, como você está mencionando. Tinha escola urbana e escola agrícola, e eles tiveram que encarar tudo isso e...

MIC: Escolas trabalhosas.

MTGM: E desenvolver uma postura para integrar todas essas escolas numa instituição única.

MIC: E eles levaram um susto quando nós fomos parar lá. Eles falaram assim: “o que nós vamos fazer com essas escolas públicas, tudo depenadas, todas né... meio arreventadas”, mas eles viram que não era isso, que tinha um pessoal muito dinâmico, que queria aprender e nós elevamos o nome do Centro Paula Souza em todos os cantinhos do estado de São Paulo.

MTGM: É verdade.

MIC: Nós divulgamos a instituição de uma maneira muito positiva.

MTGM: Tem razão e quando passou então para o CPS o Adonae continuou como diretor?

MIC: Ele continuou enquanto...

MTGM: Enquanto foi possível legalmente.

MIC: Em 95 ele ficou diretor, porque ainda não havia saído concurso para efetivar professor e só no ano seguinte que foi feito o concurso para efetivar diretor. Então, ele ficou enquanto não era efetivo.

MTGM: Você iniciou sua gestão em 96.

MIC: Em 96.

MTGM: Você foi de 96 até 2004 quando eu assumi.

MIC: É, só que naquela época, a cada 2 anos eu tinha que prestar concurso, fazer a entrevista e o processo eleitoral. De 2 em dois anos, tinha que renovar. Aí quando mudou o regimento, o diretor faz isso na entrada e ele fica 4 anos se ele quiser ser reconduzido, acho que ele repete né, o exame, o processo eleitoral.

MTGM: Agora parece que com esse novo estatuto, esse novo regimento, vai ser incorporada também uma avaliação. Na questão de metas atingidas, parece que foi incorporada ainda mais uma etapa.

MIC: Sim.

MTGM: Mais uma etapa para a possível recondução. Mas não dispensou as etapas anteriores não.

MIC: Sim, só não precisa fazer a cada 2 anos.

MTGM: É agora são de 4 em 4 anos.

MIC: É

MTGM: 2 anos também é difícil em?

MIC: É Difícil. E eu tinha muita reclamação dos outros diretores: nossa tudo que eu já fiz ainda preciso ficar provando, eu tenho que fazer uma prova escrita, né? É você tem que enfrentar o que reza lá no regimento, na maneira como eles usam para fazer a seleção.

MTGM: São sempre desafios a cada momento. Cada momento são desafios novos. Na época da sua gestão você enfrentou muitos desafios, foi o caso por exemplo da inclusão da escola na própria instituição. Foi o momento em que a escola se sentiu incluída na instituição. Foi uma conquista difícil.

MIC: Foi, até me lembro que no primeiro ano que nós íamos entrar para o Centro Paula Souza o Adonae me chamou, era férias, e disse que ele tinha me escolhido para ser coordenadora. E eu perguntei para ele: o que faz o coordenador? Ele falou:

Ah, também não sei. Porque nós nunca tínhamos tido essa experiência. Nós nunca tivemos coordenador. Depois que entramos para o Centro Paula Souza e agora também secretaria da educação, tem coordenador, mas até então a gente só conhecia o nome, nem sabia o que fazia.

MTGM: Quando você entrou como diretora, você lembra quantos alunos que a escola possuía na época?

MIC: Não sei se eram 800 e pouco, encostando os 900.

MTGM: Era uma quantidade significativa de alunos

MIC: E aí nós conseguimos colocar aqui pela primeira vez o ensino médio. Porque a gente tinha o técnico integrado, e aí acabou o ensino integrado era o superintendente professor Marcos Monteiro. Não adianta chorar, isso acabou, não vai voltar mais, nunca mais vai ter, né?

MTGM: É nunca mais.

MIC: Nunca mais

MTGM: Em educação a gente nunca pode dizer nunca mais

MIC: Mais, daí a pouco voltou, não é?

MTGM: É

MIC: E a tendência é ter mais

MTGM: É ter mais, realmente

MIC: Então nós experimentamos muitas coisas novas. Mas todas foram dando certo.

MTGM: E, tanto que a escola está aqui, com toda sua história, e ano que vem ela vai completar 70 anos.

MIC: E uma coisa interessante, precisa ser registrado: desde que nós entramos no Centro Paula Souza e que nós gostamos, porque nossa vida melhorou, o preço das aulas, né? Foi assim uma coisa motivadora, mas tinha um fantasma. Nós convivemos com esse fantasma sempre, eterno, as escolas técnicas vão fechar.

MTGM: É mesmo.

MIC: Não vão, não vão mais ter os cursos. Depois alguém soltava o boato...

MTGM: Não vai ter mais ensino médio.

MIC: No Alcídio não vai ter mais. E essa semana eu ouvi isso numa loja que eu fui: “eu queria tanto que o meu filho fosse fazer ensino médio no Alcídio, mas lá não vai ter mais, só curso técnico”. Aí a pessoa veio me perguntar e eu falei: “não, nós estamos até com as inscrições aí, já temos as cotas autorizadas, então este aí é um fantasma que faz parte da nossa vida, que vão acabar nossas aulas, que não vão mais acontecer os cursos, que a escola vai fechar...”

MTGM: É

MIC: E ano a ano tá todo mundo aí com as suas aulas, com os cursos, os alunos.

MTGM: E os alunos entrando, saindo

MIC: E os alunos na hora da formatura morrem de chorar de saudade da escola.

MTGM: Depois retornam qualquer feriadinho que tem prolongado eles aparecem aqui.

MIC: Vem fazer uma visita, vem contar como estão se dando bem lá fora.

MTGM: É, verdade. Acho que nós poderíamos ficar horas e horas conversando aqui, mas o tempo também é precioso, eu sei que você tem seus compromissos. Só queria pedir para você, para finalizar, responder, é lógico, você já respondeu de muitas formas. O que a escola Alcídio representou para sua vida?

MIC: Representou para minha vida

MTGM: Ainda está representando né?

MIC: Para mim representa o progresso. Porque as vezes as pessoas param e falam assim: “o que eu fiz da vida?” Eu vou lembrar o Machado de Assis no Memórias Póstumas de Brás Cubas, a gente chama isso de niilismo.

MTGM: Nihilismo.

MIC: Porque quando você faz o teu currículo, você diz assim: eu estudei isso, estudei aquilo, fiz esse curso, fiz essa especialização. O Brás Cubas diz assim: não me casei, não fui ministro, não tive filhos. Fala tudo pelas negativas, tudo que ele não foi, mas que ele também não deixou para posteridade algo ruim, da genética dele que ele não deu essa contribuição ruim. Então, não vou pelas negativas eu vou pelas afirmativas: a escola representou, representa, meu crescimento, a minha alegria, minha dedicação, eu gosto do que eu faço. Eu estou aqui porque gosto. Já aposentei e continuei na vida ativa aqui na escola, a gente se sente respeitada pelos colegas. Ninguém olha como se nós estivéssemos atrapalhando, pelo contrário, nós temos os colegas que nos olham assim com carinho, com amor, vem buscar as vezes um conselho. Vem buscar um respaldo pedagógico para situações difíceis, já aconteceu isso com um coordenador. Que também como eu, uma vez não sabia o que o coordenador tinha que fazer e aí as pessoas aceitam entrar na função e depois quando eles resvalam com algum problema eles se aconselham, e a gente fala, se eles acharem que o conselho é bom, então a escola representa para mim um marco positivo na minha vida.

MTGM: Que bom, espero que esse marco positivo continue muito tempo, nós já somos bem dizer patrimoniadas, né Mara, só falta colocar a plaquetinha.

MIC: A gente já virou uma instituição.

MTGM: A plaquetinha do patrimônio aqui na escola, estamos por aqui enquanto nos pudermos atender as expectativas e pudermos dar a nossa contribuição

MIC: E tivermos saúde

MTGM: Saúde, isso mesmo para poder continuar, estaremos aqui.

MIC: Sim

MTGM: Como se diz, se a lei permite.

MIC: É, se a lei permite.

MTGM: Mais uma vez eu agradeço, foi um grande prazer tê-la aqui nessa nossa conversa.

MIC: Também agradeço

MTGM: Muito obrigada.

Descritores:

Aula teste

Brás Cubas

Centro de Memória

Centro Paula Souza

Concurso público

Disaete- Divisão de Supervisão e Apoio às Escolas Técnicas Estaduais

EPG- Escola de Primeiro Grau

EEPSG- Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau

Escola Técnica Estadual Professor Alcídio de Souza Prado

Lusíadas

Machado de Assis

Marketing caipira

Microensino

Nilismo

Patrimônio Escolar

Projeto Tuiuiú

SAI- Sistema de Avaliação Institucional

Secretaria da Educação

Supletivo

Dados Biográficos da Entrevistada



Maria Inês Cutlac

Acervo pessoal da entrevistada, 2018

Maria Inês Cutlac nasceu em 23 de janeiro de 1949, e possui formação em Letras (Português- Inglês), pela FFCL “Barão de Mauá”, concluído em 1977, e Pedagogia (Licenciatura Plena, com Habilitação em Administração Escolar de 1º e 2º graus, Magistério de matérias pedagógicas), pela FFCL de Ituverava, concluído em 1979. Possui também os seguintes cursos: Habilitação em Supervisão Escolar pela Faculdade de Educação Antônio Augusto Reis Neves, de Barretos-SP, com carga horária de 120 horas, concluído em 1995, Curso Lato Sensu de Especialização em Planejamento e Gestão da Educação Profissional, com carga horária de 370 horas, oferecido pelo Laboratório de Políticas Públicas e Planejamento Educacional (LAPPLANE), Faculdade de Educação/Unicamp, com início em 2000 e conclusão em 2001, Curso de Aperfeiçoamento em Linguagem: classes gramaticais e interpretação de textos, área de formação continuada em Educação, com carga horária de 180 horas, oferecido pela WR Educacional, Associação Brasileira de Educação A Distância, de 12 de agosto de 2018 a 04 de setembro de 2018, Curso de aperfeiçoamento em Educação e Interdisciplinaridade, com carga horária de 180 horas, oferecido pela Faculdade METROPOLITANA (FAMEESP), no período de 12.07.2018 a 10.09.2018. Professora de Língua Portuguesa e Literatura/ Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional na Etec Professor Alcídio de

Souza Prado, de Orlândia, de julho de 2004 aos dias atuais, atuou como Coordenadora do Núcleo Comum (1994/1995) e Diretora de Escola Técnica de 02.01.1996 a 10.07 2004. Como Diretora trabalhou junto ao Centro Paula Souza para a instalação dos cursos modulares de Informática e Enfermagem (antes funcionando de forma integral) e na instalação dos Cursos de Administração, de Marketing e Vendas e, pelo pioneirismo, do Curso de Farmácia na Etec de Orlândia. Atuou como organizadora e participante do Microensino, ministrado na Etec, e, convidada pela Administração central, participou do Projeto TUIUIU (Projeto piloto de avaliação escolar, que evoluiu para o SAI). Na aplicação deste projeto, houve o envolvimento da equipe escolar, que resultou no alcance da Etec ao 1º lugar, entre as escolas da rede, do CEETEPS, uma vez que as avaliações institucionais perfilavam-se sob a forma de ranking até ganharem o novo formato. Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria da Educação, aposentada em 20.04.1994.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Teresa Garbin Machado nasceu em Orlândia, no dia 15 de junho de 1952. Professora aposentada de Ciências Físicas e Biológicas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo desde 2001, é Mestre em Educação, pelo Centro Universitário Moura Lacerda, em Ribeirão Preto (2007) e Doutora em Educação Escolar, na área de História da Educação, pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAR)- Unesp (2014). Atualmente atua como professora de Biologia na

Etec Professor Alcídio de Souza Prado, em Orlandia, na qual foi diretora no período de 2004 a 2012. Responsável pelo Centro de Memória da referida Etec, participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza – GEPEMHEP, sob a coordenação da prof. Dra. Maria Lúcia Mendes de Carvalho. Tem experiência em Pedagogia, Biologia e História da Educação, com publicação de artigos e participação em eventos científicos a respeito da história da educação profissional.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem